

## VANGUARDA E COMUNICAÇÃO\*

**Michel Thiollent**

Universidade Estadual de Campinas

A atividade de pesquisa em ciências sociais e a metodologia que a organiza envolvem discussões sobre o lugar do intelectual e a sua relação com a sociedade, as classes sociais ou o Estado. A maior parte das pesquisas, mesmo quando feitas por grupos de "vanguarda" ou que se autoproclamam tais, não põem em questão a posição do saber e as forças sociais atuantes na sua elaboração e na sua utilização.

A partir da leitura do livro de Álvaro de Sá, intitulado "VANGUARDA, UM PRODUTO DA COMUNICAÇÃO"<sup>1</sup> nós pretendemos, de maneira bem simples e limitada, entrar numa primeira fase de discussão — pré-política — da noção de vanguarda. No livro, ela se refere principalmente ao campo estético e igualmente ao conhecimento em geral.

Mesmo quando parciais ou criticáveis, todos os esforços de definição de uma vanguarda são relevantes porque contribuem para a reflexão sobre as alternativas oferecidas aos intelectuais e artistas contra o ambiente burocrático e a favor da experimentação de orientações novas, não majoritárias, e dificilmente aceitáveis pelo "establishment".

Segundo a definição militar da palavra, a vanguarda é o grupo que se coloca à frente da tropa em terreno hostil para obter informação e orientar o movimento. Por extensão a palavra é utilizada na área das atividades política, cultural, científica e artística. O questionamento das práticas estabelecidas e a valorização da criatividade são atributos frequentemente associados à idéia de vanguarda cultural. O questionamento das práticas estabelecidas abrange o nível conceitual, o nível institucional e o dos comportamentos efetivos. A orientação criativa enfatiza a descoberta de novos conhecimentos de novos comportamentos ou estilos de ação.

Ao definir a vanguarda como produto da comunicação, Álvaro de Sá enfatiza a noção de "ampliação de repertório". É vanguarda um grupo capaz de ampliar o repertório dos conhecimentos já adquiridos. O conhecimento é considerado como prática de produção de informação

(\*) Texto apresentado na Semana da Cultura, Ijuí, RS, julho de 1978.

sobre a base do repertório existente. A informação que nada acrescenta ao repertório é considerada redundante. O autor define a noção de repertório como “conjunto dos dados, notícias, conceitos e habilidades” ou conjunto do “conhecimento” e do “saber-fazer prático”<sup>2</sup>. A noção de “repertório social” abrange o “conjunto de informações que um dado grupo social dispõe acerca da realidade em dado momento histórico pelo desenvolvimento das suas próprias forças produtivas e da intensidade de comunicação mantida com o resto da humanidade”<sup>3</sup>. O autor concebe também a noção de repertório como sendo aplicável às de classes, grupos ou indivíduos. A informação é definida como “elemento capaz de interagir sobre os elementos adquiridos anteriormente”, ou “elemento de um comunicante capaz de ampliar e/ou remanejar o repertório”<sup>2</sup>. A redundância é definida como “comunicação que, apreendida, nada acrescenta a um dado repertório”<sup>4</sup>. A vanguarda se caracteriza pela produção de informação não redundante.

Nesse contexto, o uso da noção de repertório sugere vários tipos de problemas que apresentaremos de forma enumerativa para discussão.

1 — Oferecendo a imagem de um conjunto de elementos informativos aos quais outros elementos produzidos pelas vanguardas podem-se juntar, a noção de repertório induz um primeiro tipo de discussão relativa ao fechamento, à abertura, às delimitações do conjunto, à especificidade dos elementos e das relações entre os novos e os antigos. Seriam relações de complementaridade ou de contrariedade? Qual é seu grau de “interação”? Isto é importante, na medida em que se fosse simples questão de complementaridade, o repertório induziria um modelo de saber cumulativo ou aditivo segundo o qual todas as idéias são iguais, o que importa é apenas a novidade. Nesse caso, a noção de vanguarda se confundiria facilmente com a de inovação.

2 — A definição do repertório engloba “conhecimento” e “saber fazer prático”, elementos conceituais e elementos comportamentais. Seria útil tentar estabelecer se este agrupamento ajuda ou não a problematização da complexa relação que existe entre o universo das idéias ( ou signos, ou “palavras” ) e o universo dos atos, especialmente na seqüência: sistema de atos — produção de novas idéias — modificação de atos. ( seqüência circular importante para a descrição não idealista da formação das idéias novas ). Além disso, a tão abrangente definição de repertório nada

acrescenta à noção antropológica de “cultura” — a não ser uma aparente tecnicidade. As definições da cultura são numerosas, uma das mais frequentes remete ao “conjunto de conhecimentos, comportamentos e produção material num agrupamento social dado”<sup>5</sup>.

3 — A relação entre o repertório e a sua base social é questão complicada e de importância decisiva para a definição da vanguarda. Ao conceber a ampliação do repertório, o autor dá destaque ao desenvolvimento das forças produtivas como fonte de informação nova. Ainda que não ausente da proposta, a questão das relações e contradições de classe parece em situação subordinada a das forças produtivas da sociedade. A idéia de “grupamento social” desenvolvendo as “suas próprias forças produtivas” talvez mereça esclarecimento para não se expor ao risco de tecnologismo cujos pressupostos tendem a dissimular a natureza classista dos “grupamentos”. De qualquer modo, quando referida à sociedade como um todo, a noção de repertório se torna muito abstrata, reforçando-lhe o aspecto aditivo ou não contraditório.

4 — Uma definição da vanguarda que enfatiza a produção de informação não redundante em nenhum repertório ou no repertório global da sociedade não diz muita coisa a respeito da gênese de tal informação. Gênese esta que não pode ser entendida sem referência à comunicação ou “trocas” entre vários repertórios baseados em condições materiais geralmente conflitivas. Não é possível imaginar produção de informação nova a partir de nada. Sempre há uma “fonte de inspiração” ou, em termos menos psicologistas, um cotejo entre atos e idéias e de idéias entre si. É óbvio que o repertório erudito dos artistas e intelectuais profissionais não existe apenas em circuito fechado. Ele incorpora e transforma elementos externos preexistentes. De um lado, a ampliação do repertório não se faz “ex nihilo” e por outro, também não pode ser simples captação e incorporação de elementos de outro repertório — o da cultura popular, por exemplo. O que importa é a criação a ser caracterizada pela natureza e pelas circunstâncias da transformação de uma “matéria-prima” em produtos originais. O esclarecimento deste ponto permitiria distinguir transformação de apropriação vulgar tão comum em literatura, música ou sociologia.

5 — A criatividade poderia ser relacionada ao repertório de resistência ao da dominação dos grupos no poder. Esta hipótese baseia-se no fato de que a maior criatividade ocorre nos períodos de movimentação

coletiva. Nesta linha, para definir uma vanguarda, mais do que a sua contribuição positiva ao repertório da sociedade, o que importaria, como questão prévia, seria o descompromisso dos intelectuais para com as exigências do poder e sua burocracia.

6 – Em lugar da simples ampliação de repertório seria útil considerar o relacionamento entre, ao menos dois repertórios. Tomando, por exemplo, o repertório erudito e o popular ou o da sociologia e o do senso comum, poríamos como condição de vanguarda que o primeiro fosse capaz de superar a sua própria separação do segundo mediante um relacionamento de não apropriação. Isto quer dizer um relacionamento capaz de ampliar os dois pelo estímulo à geração de novos elementos em cada um deles em detrimento da reprodução de elementos tradicionais preexistentes. Isto suporia um relacionamento entre intelectuais e não-intelectuais sem os entraves do elitismo nem do populismo. Assim a concepção da vanguarda superaria a ilusão de criação “ex nihilo” e também a manipulação ou apropriação mais ou menos disfarçada. Além do mais, ela manteria o contato com a “tropa”. Nesta orientação, a maior preocupação seria relativa às condições efetivas dos processos criativos ou à incitação dos intelectuais a superar o papel que a sociedade dividida lhes atribui. Isto não faz sentido quando estão mantidas fora da análise as forças sociais atuando por trás dos repertórios.

7 – A ampliação de repertório, o desenvolvimento cultural sem redundância, em relação com o que precede, provoca certa ambigüidade significativa da instável posição da vanguarda. De um lado, a contribuição de vanguarda precisa incorporar-se “ao repertório global” no momento mesmo da sua criação<sup>6</sup>, por outro lado, não são de vanguarda os produtos que se constituem em repetição de especificidades já incorporadas ao repertório”. A posição de vanguarda de uma informação se relaciona com uma situação de comunicação marcada: a) pela diferença ou ruptura com as informações preexistentes e b) pelo reconhecimento da nova informação como suscetível de pertencer ao repertório. Observa-se tal ambigüidade nas vanguardas quando, de um lado, manifestam inconformismo ou agressividade e, por outro, manifestam arrivismo nos lugares consagrados. Em certas condições, tal ambigüidade favorece, como atividade de “vanguarda”, a produção de informação vazia, sem referente definido, que não se incorpora a repertório nenhum. Trata-se de informação cujo vazio é dissimulado pelo discurso de acompanhamento sobre inovação, alternativa ou legítimi-

dade. Em tal sentido, a “vanguarda” consiste em autoproclamação e pseudomovimento de agitação em redor de uma informação nula, à maneira de uma seita que se reúne em torno das suas crenças cuja força reside na indemonstrabilidade. Obviamente isto não sugere um modelo muito exaltante.

8 — Tomaremos um exemplo na área do conhecimento sociológico para ilustrar certas dúvidas a respeito do critério de ampliação de repertório. Na sociologia industrial dos anos 30, muitos autores consideraram que houve ampliação de conhecimento a partir das pesquisas feitas na Western Electric, provando a importância da moral de equipe e das microrrelações de grupo sobre a produtividade dos operadores. Tais resultados no repertório da sociologia americana têm adquirido o “status” de descoberta copernicana, o que permitiria imaginar fossem de vanguarda. Na verdade, é possível indicar que o relevo dado a tal “descoberta” tem muita coisa a ver com a relativa “ignorância” dos sociólogos da época a respeito da vivência operária. Os operários, de maneira não conceitual, sabem mais ou menos nitidamente que os seus relacionamentos interferem no ardor produtivo. A produção da descoberta corresponde, nesse caso, à transposição, no repertório sábio, de informação já existente de maneira difusa no repertório popular. Isto é característico de boa parte do conhecimento sociológico sob orientação metodológica empiricista. O conhecimento popular apropriado e transformado por diversos procedimentos adquire “status” ao saber uma vez incorporado a sistemas cognitivos que, em regra geral, têm como pressupostos as exigências do controle e da administração por parte dos grupos no poder. O maior problema da formação de uma vanguarda na área do conhecimento social não é o de aperfeiçoar técnicas de observação neutra ou de elaborar discurso científico sem relação com o senso comum. O que importa consiste na elaboração de dispositivos de pesquisa sociológica ativa para, fora das exigências de reprodução ou controle, criar efeitos de conhecimento no setor científico e efeitos de consciência no setor “popular”, os segundos sendo necessários para a ampliação dos primeiros.

#### NOTAS

(1) SÁ, Álvaro de, **Vanguarda, um Produto da Comunicação**. Vozes, Petrópolis, 1977.

(2) *Idem*, p. 18.

(3) *Idem*, p. 19.

(4) *Idem*, p. 20.

(5) Chaim Samuel Katz, Francisco Antônio Doria e Luís Costa Lima, **Dicionário Básico de Comunicação**, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1975, p. 124.

(6) SÁ, Álvaro de, *op. cit.*, p.28.